

a viver no incompreensível, mas, rejubilarmo-nos por não poder sair dele.”

Por sua posição cética, Maeterlinck veio em direção aos reencarnacionistas com óbvia relutância. Em *O Tesouro dos Humildes* ele escrevera que “nunca existiu um credo mais belo, mais justo, mais produtivo, mais consolador e, até certo ponto, mais provável do que o deles. Apenas esse credo, com sua doutrina de sucessivas expiações e reencarnações, explica todas as iniquidades sociais e todas as horríveis injustiças do destino”. Uma vez mais, destino ou fado, ofereciam o desafio para o qual ele procurou uma resposta na pesquisa psíquica. O Dr. Nandor Fodor observou, em sua *Encyclopedia of Psychic Science* [Enciclopédia da Ciência Psíquica] (Londres, 1935; Nova Iorque, 1966), que o interesse de Maeterlinck, pelos fenômenos psíquicos, coincidiu com o período em que “o assustador mistério” da morte cedeu lugar a “uma prodigiosa fascinação”. Em *The Unknown Guest* [O Hóspede Desconhecido] (Londres, 1914) o autor admitiu que, no princípio, os pensamentos sobre a morte haviam-no conduzido para a pesquisa psíquica, mas que depressa ele viu “o campo ampliando-se sob meus pés”. Como resultado, ele não somente estudou toda e qualquer evidência da imortalidade, mas também “aparições verídicas, alucinações e casas mal-assombradas, ou, se preferirem, fantasmas dos vivos e dos mortos”, além de psicometria, precognição e PES nos animais.

Sobre os fenômenos psíquicos em geral ele perguntou qual seria a alternativa se tivéssemos que negar a existência dos eventos extra-sensórios? — e ele próprio respondeu: “Elimine-os e você será obrigado a povoar o mundo e a sobrecarregar sua vida com uma coorte de seres hipotéticos e imaginários; deuses, semideuses, anjos, demônios, santos, espíritos, carcaças, elementais, entidades etéreas, inteligências interplanetárias e assim por diante; aceite-os e todos esses fantasmas, sem desapparecer, pois eles podem muito bem continuar vivendo na sombra, tornar-se-ão superficiais e subordinados.”

Ao mesmo tempo que não negou a realidade das comunicações dos espíritos, a ação dos espíritos e até mesmo a responsabilidade deles nos fenômenos “poltergeist”, Maeterlinck sentiu que “a grande disputa entre a escola subconsciente e a espiritualista está, no todo, baseada num mal-entendido”. Ele escreveu que “é impossível que os mortos não vivam” e que

Maeterlinck = 87 anos

“nosso subconsciente deve mesclar-se com tudo o que não morre neles”. De um modo geral, ele julgou possível existir “uma estranha miscelânea de forças heterogêneas, nas regiões incertas dentro das quais estamos nos aventurando”. Concluiu que “dentro de nós mesmos, no silêncio da escuridão do nosso ser, onde isso está sempre em movimento guiando o nosso destino, é que devemos procurar surpreender esse mistério e desvendá-lo”.

Maeterlinck buscou definições que pudessem alcançar, com imagens poéticas, o que o vernáculo científico não pode penetrar. Ele falou da existência além da morte como assemelhando-se a uma “memória erradicada”, que podia “vagar e flutuar num espaço onde nada resta para alimentá-la, onde ela, gradualmente, torna-se descorada e sem vida, onde um fluido especial, emanando de um médium excepcional, pode reanimá-la por alguns momentos”. Talvez, aduziu ele, uma tal entidade “exista objetivamente, talvez ela subsista e reviva somente na recordação de certas afinidades”.

E, por fim, seus pensamentos estão cristalizados em *Before the Great Silence* [Diante do Grande Silêncio] (Nova Iorque, 1936), nestes termos: “É verdade que a aniquilação total, que seria o único estado suportável para a eternidade, é inconcebível. Contudo, para nós, ela tem o seu equivalente na abolição da consciência individual. Então, uma vez que alcançarmos isto na morte, daí para diante nada de desagradável poderá jamais acontecer-nos, uma vez que os nossos átomos liberados serão insensíveis, invulneráveis e imortais. Embora um dia já tenham feito parte do nosso corpo ou da nossa alma, eles terão perdido toda a memória e qualquer vestígio do que uma vez foi o nosso ego.”

Este homem, que começou muito cedo sua luta intelectual com a morte, viveu uma longa vida. Passou os anos da II Guerra Mundial quase que só nos Estados Unidos, mas voltou para a França mais tarde, em 1947. Morreu em sua casa em Nice, no dia 6 de maio de 1949, na idade de oitenta e sete anos. Seu último interesse, perguntamo-nos, centralizou-se menos em sua perpétua antagonista, a morte, do que na inquietação com respeito ao que está para ser encontrado além da morte? De qualquer modo, ele desafiou suas próprias esperanças e temores com um epigrama, em *Diante do Grande Silêncio*: “Não substituamos nossas ansiedades por quimeras.”